

DAS DOCUMENTAÇÕES PRIMÁRIAS ÀS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS:

uma proposta metodológica para o desenvolvimento de
Narrativas Gráficas sobre a Memória Urbana

EIXO TEMÁTICO 03: Representações, Memória e Preservação do Urbano.

CASTELAN, Manuella

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

manuella.castelan@fau.ufrj.br

BOAS, Naylor Vilas

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

naylor.vilasboas@fau.ufrj.br

RESUMO

Este artigo propõe uma metodologia experimental para a criação de histórias em quadrinhos (HQs), utilizando-as como ferramenta de educação patrimonial e interpretação gráfica da vida urbana. O foco da investigação é o Morro do Castelo, no Rio de Janeiro, espaço de grande relevância na cidade que sofreu um processo de apagamento simbólico e físico ao ser totalmente demolido em 1922. Fundamentada nos conceitos de "artes de fazer" de Michel de Certeau e na "memória coletiva" de Maurice Halbwachs, a pesquisa utiliza o relato oral de antigos moradores como fonte primária essencial para reconstruir as táticas cotidianas e dinâmicas sociais intrínsecas à vida urbana do Morro do Castelo às vésperas de seu desmonte. A narrativa gráfica é apresentada como uma linguagem híbrida e acessível, capaz de articular tempo e espaço para reconstruir urbanidades históricas e reativar a memória de territórios apagados. O trabalho demonstra que as HQs não apenas ilustram a história, mas atuam como um método crítico de investigação e difusão do patrimônio imaterial, conectando o passado urbano ao presente de forma sensível para o público contemporâneo.

Palavras-chave: Histórias em Quadrinhos; Educação Patrimonial; História da Cidade; Morro do Castelo; Memória Urbana.

PENSAR FORA DO EIXO

ABSTRACT

This article proposes an experimental methodology for creating heritage-based comic books, using them as a tool for heritage education and graphic interpretation of urban life. The focus of the investigation is Morro do Castelo, in Rio de Janeiro, a site of great relevance to the city that underwent a process of physical and symbolic erasure when it was completely demolished in 1922. Grounded in Michel de Certeau's concept of "ways of operating" and Maurice Halbwachs' notion of "collective memory," the research draws on oral testimonies from former residents as a primary source to reconstruct everyday practices and social dynamics inherent to urban life in Morro do Castelo on the eve of its demolition. The graphic narrative is presented as a hybrid and accessible language, capable of articulating time and space to reconstruct historical urbanities and reactivate the memory of erased territories. The study demonstrates that comics do not merely illustrate history but act as a critical method of investigation and dissemination of intangible heritage, connecting the urban past to the present in a sensitive way for the contemporary public.

Keywords: Comic Books; Heritage Education; History of the City; Morro do Castelo; Urban Memory.

RESUMEN

Este artículo propone una metodología experimental para la creación de historietas (cómic) patrimoniales, utilizándolas como herramienta de educación patrimonial e interpretación gráfica de la vida urbana. La investigación se centra en el Morro do Castelo, en Río de Janeiro, un espacio de gran relevancia en la ciudad que sufrió un proceso de borrado físico y simbólico al ser totalmente demolido en 1922. Basada en los conceptos de "artes de hacer" de Michel de Certeau y de "memoria colectiva" de Maurice Halbwachs, la investigación utiliza relatos orales de antiguos residentes como fuente primaria esencial para reconstruir las tácticas cotidianas y las dinámicas sociales intrínsecas a la vida urbana del Morro do Castelo en vísperas de su demolición. La narrativa gráfica se presenta como un lenguaje híbrido y accesible, capaz de articular el tiempo y el espacio para reconstruir experiencias urbanas históricas y reactivar la memoria de territorios borrados. El trabajo demuestra que las historietas no solo ilustran la historia, sino que actúan como un método crítico de investigación y difusión del patrimonio inmaterial, conectando el pasado urbano con el presente de forma sensible para el público contemporáneo.

Palabras clave: Historietas; Educación Patrimonial; Historia de la Ciudad; Morro do Castelo; Memoria Urbana.

PENSAR FORA DO EIXO

INTRODUÇÃO

As cidades são organismos complexos: ao passo que possuem suas próprias dinâmicas sociais, espaciais, políticas e culturais, se conformam como patrimônio vivo da humanidade não só pelo seu valor material (sobre o qual recaem os impactos do tempo), como também pela capacidade imaterial de tecer relações de troca com a vida humana através do espaço. A forma como a sociedade constrói esta relação compõe a memória social e urbana, a memória coletiva, que só é capaz de se manifestar através da existência do lugar como suporte físico e ideal (HALBWACHS, 1990, p. 214). A memória coletiva está no caminhar pela cidade, nas conversas rotineiras a caminho do trabalho, nos hábitos de vizinhança, nos deslocamentos diários etc. (HALBWACHS, 1990, p. 23, 202). A vida humana entrelaça sua existência ao espaço em que habita, fazendo com que relações individuais e coletivas conformem e sejam conformadas pelo ambiente no cotidiano.

Sob a perspectiva da cidade como patrimônio, entende-se que sua história e imagem compõem memória e identidade de grupos e indivíduos. Isto significa dizer que as frequentes disputas e embates socioespaciais não dizem respeito apenas ao território, mas sim a fatores identitários, de pertencimento, apropriação da memória, fatores que compõem o âmago da vida em sociedade. Romper as relações de um povo com o espaço onde vive (e a história destas trocas) é uma poderosa estratégia política que usurpa dos reais criadores do cotidiano urbano o poder sobre suas vidas e abre precedentes para a consolidação de intenções de grupos dominantes. Assim se deu o desmonte do Morro do Castelo, localizado no Centro do Rio de Janeiro, cercado pelo Bairro da Misericórdia de um lado e pela Av. Central de outro (avenida esta que já havia sido motivo para um recorte em parte do morro em 1902).

O Morro do Castelo foi um marco na evolução urbana da cidade do Rio de Janeiro, abrigando majoritariamente uma população de imigrantes e diversos equipamentos urbanos, tais como o Escola Carlos Chagas, que atendia as crianças residentes no Morro; o Hospital São Zacarias (antigo Colégio dos Jesuítas) em conjunto com a Igreja de Santo Inácio e, posteriormente, o Observatório Astronômico; e a Igreja de São Sebastião, que reunia o povo para festas do padroeiro, procissões e missas do Galo(MIS / Projeto Arquivo Vivo / 674.1/2).

Através de tais vivências e referências espaciais, constitui-se a dimensão imaterial do patrimônio: sentidos e valores atribuídos ao lugar pelos sujeitos, sendo tão fundamentais para a identidade coletiva quanto a materialidade. Desta forma, sob as lentes da Educação Patrimonial, o Morro do Castelo não deve ser considerado apenas um conjunto de monumentos históricos

PENSAR FORA DO EIXO

isolados, mas sim um “documento vivo”, ao passo que seu valor residia na contínua relação entre os indivíduos e seu ambiente (IPHAN, 2014, p. 24).

A Educação Patrimonial surge como meio que reverter estas dinâmicas de apagamento, de modo que, visando a difusão do conhecimento histórico e cultural local, seja capaz de gerar em seu público, não só uma abordagem crítica frente aos conhecimentos da história e memória da sociedade e da vida humana (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, p. 4), como também compreender seu pertencimento à cidade. Segundo as atuais diretrizes do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), este processo tem base no uso do patrimônio cultural como recurso para a compreensão social e histórica da cultura em todas as suas manifestações, contribuindo para seu reconhecimento e valorização (IPHAN, 2014, p. 20).

Estes fatores não estão apenas ligados ao manejo de uma construção de fatos do passado ao presente, mas estão sim intimamente relacionados a forma como nos comportamos frente ao futuro (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, p. 16). Entender que a educação patrimonial sobre a cidade impacta na prosperidade com a qual conduziremos, como sociedade, nossas ações frente à existência refletida no espaço é um passo importante para a valorização de estudos no campo. A cidade deve, portanto, ser compreendida como “território vivo”, constantemente sendo concebido e produzido pelos sujeitos que o habitam (IPHAN, 2014, p. 24, 37).

Dentre os meios de comunicação e difusão de conhecimentos sob os quais podem se apoiar a Educação Patrimonial da cidade, está uma ferramenta poderosa, capaz de transmitir as complexas dinâmicas da vida urbana através do tempo e do espaço de forma atraente e acessível por seu caráter híbrido visual e textual: as histórias em quadrinhos. As HQs são fenômenos de expressão urbana que se configuram como uma ferramenta não só de invenção arquitetônica como também de rememoração de formas passadas (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, p. 41).

Contudo, quando se fala de história da cidade e a criação de HQ capaz que transmitir os pormenores das dinâmicas urbanas cotidianas, são necessários alguns cuidados para que a interpretação gráfica em questão seja autêntica quanto aos fatos e relações que busca transpor. Desta forma, este artigo propõe uma metodologia voltada para a criação de histórias em quadrinhos patrimoniais sobre a cidade e a vida urbana ao longo do tempo: este processo é composto por uma sequência de etapas que se apoia fundamentalmente sobre bases documentais e históricas primárias.

PENSAR FORA DO EIXO

Esta metodologia de criação de HQs patrimoniais sobre cidade foi desenvolvida no âmbito da pesquisa de Micronarrativas Urbanas (uma das linhas do Laboratório de Análise Urbana e Representação Digital na Universidade Federal do Rio de Janeiro) com o intuito de se produzir uma narrativa gráfica sobre o cotidiano no Morro do Castelo. A revista de história em quadrinhos resultante deste processo se apoiou não somente sobre documentação primária iconográfica (para fins visuais) como também em relatos orais (para compor as narrativas), através da interpretação gráfica da vida de dois irmãos, Florinda Alói e Francisco de Laclos no Morro do Castelo entre 1902 e 1922 (o ano de seu desmonte). O desmonte do Morro marcou a desapropriação e um processo de apagamento de um lugar que exalava vida, cuja população pobre alimentava as dinâmicas locais com seus modos de viver tanto no Morro do Castelo quanto em seus arredores, como no Mercado Municipal, na Cinelândia e na Praia da Santa Luzia (MIS / Projeto Arquivo Vivo / 674.1/2). Este artigo se apoia sobre a experiência de pesquisa do trabalho citado para demonstrar os processos desenvolvidos ao longo da trajetória enriquecedora que resultou na metodologia proposta.

1 MORRO DO CASTELO, LUGAR DE MEMÓRIA

O Morro do Castelo é um local de profunda importância simbólica, histórica e estratégica na fundação e no desenvolvimento urbano do Rio de Janeiro. Seu completo desmonte, em 1922, representa um dos episódios mais emblemáticos de apagamento patrimonial. Desde os primeiros anos da colonização, o Morro do Castelo desempenhou um papel essencial na configuração do espaço urbano carioca. Por possuir uma posição estratégica através de sua vista privilegiada para a Baía de Guanabara, abrigou os primeiros núcleos de ocupação portuguesa após a fundação da cidade em 1565. Nesse espaço foram instalados importantes instituições religiosas, militares e administrativas, como o Colégio e a Igreja dos Jesuítas, a Igreja de São Sebastião (primeira catedral da cidade e local do marco de fundação da cidade por décadas), além da Fortaleza do Castelo (PAIXÃO, 2008, p. 163-165). O morro, portanto, foi não apenas um ponto elevado da paisagem, mas um espaço de manifestação cultural através dos hábitos urbanos cotidianos particulares de sua vizinhança.

Contudo, no início do século XX, o Morro do Castelo passou a ser visto pelas elites urbanas como um entrave ao progresso. Duas transformações marcaram esse processo: a primeira se deu com a abertura da Avenida Central (atual Avenida Rio Branco), inaugurada em 1905, sob administração de Pereira Passos. Foi inspirada nos princípios do urbanismo haussmanniano de Paris e implicou no corte de parte do morro na região da antiga Ladeira do Seminário (onde hoje

PENSAR FORA DO EIXO

fica o Centro Cultural da Justiça Federal, na Cinelândia); já a segunda e mais definitiva, ocorreu em 1922, sob a administração do prefeito Carlos Sampaio, quando o morro foi totalmente desmanchado, ao mesmo tempo em que se construía ao lado a Exposição Internacional do Centenário da Independência. O processo de desmanche se deu através de grandes jatos de alta pressão direcionados ao morro, cuja terra foi reposta para compor parte da Esplanada do Castelo. Essa ação foi justificada por discursos oficiais que relacionavam o local à insalubridade e à precariedade habitacional (PAIXÃO, 2008).

Segundo o relato oral concedido por Francisco de Laclos e Florinda Alói (MIS / Projeto Arquivo Vivo / 674.1/2), dois moradores do morro em questão (nascidos e criados no local desde seus respectivos nascimentos, em 1910 e 1902), após o desmanche do Morro, seus habitantes se redistribuíram pela cidade. A principal resistência popular foi a de não deixar de morar no centro da cidade, pela garantia de acesso ao local de emprego (BARROS, 2005, p.12). Sendo assim, parte da população se distribuiu entre bairros como Catumbi, Paula de Mattos (cota baixa de Santa Teresa) e Santo Cristo (Morro do Pinto), locais próximos ao Mercado Municipal e à Praça XV, onde muitos desapropriados do Morro do Castelo trabalhavam (BARROS, 2005, p.167). Outra parte da população, após o fracasso de alojamentos provisórios, foi novamente desalojada e como recurso extremo, ocupou os morros do Salgueiro, Urubus, Villa Rica, Macacos entre outras repartições do subúrbio carioca (BARROS, 2005, p.213).

O Morro do Castelo não era apenas um recorte de terra com construções residenciais, era território, moradia, construção de vida. O desmanche não desapropriou seus habitantes apenas de suas residências, mas também da vida que construíam naquele espaço compartilhado e cheio de sentidos e significados. Francisco de Laclos em entrevista, ressalta:

“O Morro do Castelo era uma alegria, o que faz falta hoje. Eu por exemplo se faço uma festa junina no Retiro dos Artistas, são reminiscências do Morro do Castelo. (...) Entende? São reminiscências. Porque vivia sempre com muita alegria, muita satisfação, as crianças tinham o colégio Carlos Chagas ali, bem na Praça do Castelo, catecismo nós tínhamos na Igreja dos Barbadinhos e saída do Morro do Castelo naquela época era apenas ao sábado ou domingo. Domingo pra ir ao cinema à tardinha e voltava pro(sic) morro. A festa continuava.” - Francisco de Laclos, 1985 (MIS / Projeto Arquivo Vivo / 674.1/2).

Ainda assim, a destruição completa do morro não pode ser compreendida apenas como parte de um projeto urbanístico, mas deve sim ser interpretada como um ato de apagamento simbólico e político que visava romper com a herança colonial, reconfigurar a identidade visual da cidade e afirmar uma nova narrativa de modernidade e progresso a custo da desapropriação de

PENSAR FORA DO EIXO

moradores locais (PAIXÃO, 2008, p. 282). Esse processo implicou não apenas na transformação geográfica e estética da paisagem urbana, mas também na perda irreparável de um conjunto arquitetônico, histórico e cultural de grande relevância.

A ausência do Morro do Castelo na paisagem atual do Rio de Janeiro é também a evidência de uma política urbana que historicamente negligenciou a preservação da memória coletiva. Seu desaparecimento revela a importância de revisitar, reinterpretar e reinscrever esse território na história urbana da cidade. É nesse contexto que este artigo se insere, propondo uma abordagem metodológica que utiliza a linguagem das histórias em quadrinhos como forma crítica de educação patrimonial, representação gráfica e recuperação da memória urbana do espaço perdido.

Retomar a memória do Morro do Castelo é também reafirmar o papel da cidade como um lugar de camadas, onde tanto as mudanças quanto as permanências carregam significados profundos. Não se trata apenas de revisitar um lugar que desapareceu fisicamente (ou, neste caso, cujo resquício material se constitui da Ladeira da Misericórdia, ainda presente ao lado da Santa Casa da Misericórdia), mas de compreender que sua ausência física não exclui sua herança histórica além de nos revelar sobre o funcionamento da cidade, suas narrativas dominantes e sobre a própria humanidade.

Na medida em que buscamos reconstituir fragmentos dessa memória, abrimos espaço para pensar novas formas de relação entre patrimônio, cidade e cotidiano. Através de ferramentas acessíveis como a narrativa gráfica, podemos criar pontes entre pesquisa e vida urbana, entre o passado que nos formou e o presente que seguimos habitando. Neste sentido, este artigo trata não apenas de olhar para trás, mas de refletir sobre como queremos lembrar e viver a cidade daqui para a frente. O Morro do Castelo, enquanto presença histórica e cultural, nos convida a uma leitura sensível e crítica, e talvez seja justamente aí que reside a potência de retomar sua memória urbana.

2 CIDADE, MEMÓRIA E COTIDIANO

Em sua obra “A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer”, Michel de Certeau se posiciona como uma referência ao passo que propõe que as práticas cotidianas são elementos imperativos para moldar a vida urbana e o significado dos espaços (CERTEAU, 1998). De Certeau discorre sobre como os indivíduos e coletivos se utilizam de táticas para “fazer com o que se tem” em um ambiente que lhes foi imposto (CERTEAU, 1998). Quando transposta esta conceituação para a vivência diária do Morro do Castelo, é possível concebê-la através da forma como o povo local se

PENSAR FORA DO EIXO

apropriava, resistia e ou se adaptava ao espaço urbano disponível com base em suas necessidades e afetos, criando seu próprio modo de vida que interage constantemente com o espaço urbano, impactando e sendo impactado concomitantemente. Os relatos orais, por sua vez, são um tipo de documentação histórica que abarcam essas manobras e invenções cotidianas, hábitos estes que não seriam visíveis em mapas, por exemplo.

Michel De Certeau traz os conceitos de estratégias e táticas. A primeira é o conjunto de ações tomados pelas autoridades, pelo Estado, de modo oficial e regular; já a segunda se trata das interações e dos impactos da vida rotineira, as atividades informais e não oficiais que dão sentido à vida no espaço urbano. Estes são aspectos que estão em constante disputa na cidade: quando um encontra o outro, pode-se dizer que a cidade planejada passa a ser vivida de forma inventiva e espontânea. Sob luz destas perspectivas, compreende-se o Morro do Castelo como um lugar preenchido por táticas: estas que não só tratavam dos atributos práticos e funcionais do uso do espaço urbano como também diziam respeito a como a vizinhança imigrante e pobre local se apropriava do Morro como suporte para a vida, com seus hábitos cotidianos, costumes e afazeres (CERTEAU, 1998).

O Morro do Castelo, nas primeiras décadas do século XX, funcionava como um forte ponto catalizador de costumes e práticas urbanas que não podem ser plenamente compreendidas apenas pelo viés do planejamento oficial. Sua força enquanto lugar da vida cotidiana se revela nas relações de troca, nos gestos de trabalho e nas interações que se repetiam dia após dia, configurando o que Michel de Certeau categoriza como “artes de fazer”, modos de agir que os indivíduos desenvolvem para operar dentro da cidade. Esses gestos, muitas vezes invisíveis às estruturas institucionais, são fundamentais para entender como se produziam sociabilidades naquele espaço (CERTEAU, 1998). No Morro, essas táticas apareciam nas brincadeiras das crianças pelas ruas logo depois das aulas na Escola Carlos Chagas; nas lavadeiras, costureiras, alfaiates e comerciantes que se apropriavam do espaço coletivo para realizar seus ofícios e na confiança e cooperação entre vizinhos que se ajudavam sempre se fazia necessário, hábitos estes que reinventavam continuamente o uso dos espaços disponíveis (PAIXÃO, 2008).

Esta abordagem dialoga fortemente com o que traz Maurice Halbwachs, com a realização de que a memória coletiva depende de suportes espaciais que estruturam a maneira como os grupos se reconhecem no tempo (HALBWACHS, 1990, p. 20, 117). O autor discorre sobre como as memórias estão inevitavelmente ligadas a um local, ou a um contexto expresso no espaço: mesmo

PENSAR FORA DO EIXO

que a memória de um indivíduo se dê num momento em que tal pessoa esteja completamente só, ela ainda está situada numa sociedade com padrões, expectativas, modos de funcionamento, linhas culturais e políticas que estão enraizadas em sua vida (HALBWACHS, 1990, p. 24, 25, 32).

Assim, podemos entender como o cotidiano é capaz de gerar memórias que não só estão estreitamente ligadas ao lugar onde ocorrem como não poderiam existir sem o próprio (HALBWACHS, 1990, p. 143). As táticas através das quais se vive o cotidiano conformam a “arte de fazer” (CERTEAU, 1998, p. 41) que, posta em prática de forma coletiva, configuram identidade de um grupo e compõem padrões sociais, conformando assim uma memória coletiva (HALBWACHS, 1990, p. 112). Esta memória está não só na forma como lembramos do passado, mas também na forma como vivemos o presente através de uma herança social, cultural e espacial intrínseca e inerente à vida.

Pode-se dizer que memória une passado, presente e futuro. Ou seja, quando trazemos ao coletivo, informações sobre memória de um espaço e de um grupo de indivíduos, estamos estimulando não só o pensar sobre o passado da cidade, como também um processo de construção crítica sobre o presente, impactando assim em possíveis tomadas de frentes perante o meio urbano que influenciam os tempos vindouros.

Halbwachs também discorre sobre como a memória individual é um “ponto de vista sobre a memória coletiva” (HALBWACHS, 1990, p. 50). Quando transpomos esta percepção para o relato oral concedido por antigos moradores do Morro do Castelo, se torna evidente a captura desta interseção, que revela como as memórias pessoais dos depoentes se inserem e contribuem para com a memória coletiva do Morro, compondo ativamente a memória urbana local (PAIXÃO, 2008, p. 179). A teoria de Halbwachs, por este lado, valida o uso do relato oral como documentação primária expressa com autenticidade, pois ela emerge da vivência e de reconstruções sociais, conectando o passado do Morro ao presente dos narradores e à visão de futuro coletiva.

Logo, compreender as dinâmicas no Morro do Castelo por completo não se resume somente a ler os mapas que demonstram fachadas alinhadas e fotografias que revelam um padrão estético e formal composto por telhados expostos e o padrão de residências que dividem paredes laterais, mas também envolve saber como, numa destas residências vivia um alfaiate italiano que se embriagava e percorria morro adentro gritando seu ódio pelos portugueses de madrugada. Este era Jácomo Distropa, personalidade conhecida entre a vizinhança que impactava nas dinâmicas urbanas com sua vivência humana do espaço (MIS / Projeto Arquivo Vivo / 674.1/2).

PENSAR FORA DO EIXO

“Francisco: Não, não. Era de pessoas particulares. Seu bonitinho, por exemplo, tinha vários; seu Jácomo Kwinder também tinha. (ri). Ah, tinham personagens maravilhosos no Morro. Jácomo, o nome dele era italiano, Jácomo Kwinder que chamavam ele, tinha um certo dia no mês, o homem enchia a cara...

(...)

Florinda: Jácomo... esqueci o nome... o sobrenome dele, mas: Jácomo Distropa!

Francisco: Mas o apelido dele era Diácono Kwinder. Então ele enchia a cabeça de bebida e corria o morro todo!” - Francisco de Laclos e Florinda Alói, 1985 (MIS / Projeto Arquivo Vivo / 674.1/2).

Não basta saber através da vista aérea paralela que havia três principais acessos ao Morro: Ladeira da Misericórdia, Chácara da Floresta e Rua São José; mas também é necessário saber que o acesso da Rua São José, cuja ladeira de subida dava no Beco do Cotovelo era assombrada por ladrões à noite que jogavam pimenta nos olhos dos transeuntes e por isso, devia ser evitada (MIS / Projeto Arquivo Vivo / 674.1/2). Já a Ladeira da Misericórdia, cujos remanescentes estão no local até hoje, era por onde o pai dos entrevistados subia quando voltava do seu trabalho no Mercado Municipal, revelando um trajeto importante e popular da época. Do mesmo modo a Chácara da Floresta possuía um acesso restrito, pois os moradores desta parte do morro fechavam, por conta própria, o portão que ficava aberto durante a parte da manhã e trancado durante a parte da noite (MIS / Projeto Arquivo Vivo / 674.1/2).

“Florinda: Valentões. Diz... contavam eles que quando era a noite, que subiam a Ladeira do Carmo que é a que pegava ali na esquina de São José, pegava São José.

Francisco: Beco do Cotovelo!

Florinda: São José, e vinha com, na direção na Rua do Carmo. Não. É, a noite tinha certos valentão(sic) e que diziam, eles contavam, eu sei que ouvia falar, pegavam pimenta do reino e jogavam na vista da pessoa. Não matavam, não matavam, eles jogavam pimenta do reino e roubavam. Isso era lá na Ladeira!” - Francisco de Laclos e Florinda Alói, 1985 (MIS / Projeto Arquivo Vivo / 674.1/2).

Não basta averiguar em mapas e fotografias que a Igreja de São Sebastião ficava na praça do Castelo, uma praça com formato retangular rodeada por residências. Também é necessário compreender que esta mesma praça e esta mesma Igreja abrigavam multidões residentes tanto do próprio morro quanto dos arredores nos dias de procissões e missas do galo. Neste ambiente, as lavadeiras estendiam grandes lençóis brancos e pilhas de roupas limpas em varais improvisados para secarem ao sol.

PENSAR FORA DO EIXO

“Francisco: (...) As festas na Igreja do Sagradinho, São Sebastião, era muito concorrida. O povo da cidade subia o morro...”

Florinda: Subia o Morro do Castelo...

Francisco: ... subia, entupia o Morro pra assistir a festa de São Sebastião.

Florinda: Era muito bonito filho, era alegre mesmo. Quando tinha procissão...

Francisco: ... era um morro festivo. É aquela história né, um morro festivo.” - Francisco de Laclos e Florinda Alói, 1985 (MIS / Projeto Arquivo Vivo / 674.1/2).

Sendo a cidade fundamentalmente resultado da vida e não somente do planejamento (ou seja, das táticas e não somente das estratégias) (CERTEAU, 1998, p. 46), é nela que se manifestam as transformações sociais e culturais, aspectos que regem os rituais e costumes que dão sentido ao espaço construído. Um espaço é capaz de armazenar a cultura, bem como fazer com que os indivíduos que nela vivem dialoguem com a própria memória (HALBWACHS, 1990, p. 143). Muitas vezes, a memória urbana se faz presente no cotidiano de forma inconsciente, mas está refletida em dinâmicas sociais e urbanas inevitavelmente vividas na cidade. Ou seja, tudo o que é e acontece hoje, é resultado inconsciente de uma série de transformações físicas ou não que geraram uma memória intrínseca à vida coletiva.

Quando, ao compreender estes fatores, nos voltamos às estruturas físicas remanescentes do Morro do Castelo, ou até mesmo à sua ausência, nota-se que somente a materialidade não é o suficiente para o entendimento geral do significativo Morro do Castelo. É necessário compreender as dinâmicas urbanas resultantes da interação diária entre indivíduo e espaço, população e cidade. Para além disto, entende-se que a memória não é uma simples conservação do passado, mas uma reconstrução constante que ocorre dentro dos contextos sociais e culturais de certos grupos.

Existe, entretanto, a necessidade de um cuidado metodológico específico. As narrativas orais não são simples acessos transparentes ao passado, elas são construções situadas e permeadas por memórias individuais e coletivas, esquecimentos seletivos e, em alguns casos, discursos consolidados ao longo de décadas. Portanto, é importante o cruzamento de informações entre o relato oral, documentos históricos, iconografia e relatos divergentes para que se possa identificar possíveis tensões e, como intérprete, fazer escolhas conscientes de representação na narrativa visual proposta.

3 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

As histórias em quadrinhos como ferramenta de expressão e difusão não só da história do Morro, como também de memórias dele e nele vividas, necessita de um processo interpretativo por parte da autora (CARDOSO, 2014, p. 113). O relato oral de Florinda Alói e Francisco de Lacos possui, além de sua própria essência, uma gama de possíveis interpretações. Cabe à pesquisadora a responsabilidade de compreender as dinâmicas urbanas e sociais do período estudado, aprofundando a pesquisa tanto em aspectos históricos quanto em âmbitos teóricos, com o propósito de construir uma narrativa visual coerente, bem como honrar com a memória relatada nas sensíveis palavras dos antigos moradores do Morro do Castelo (CARDOSO, 2014, p. 173; PAIXÃO, 2008, p. 151).

Como dito anteriormente, a memória e o patrimônio não podem ser tratados como dimensões exclusivamente materiais. No caso do Morro, o patrimônio se situa na vida cotidiana, nas práticas e nos usos que estruturaram o espaço ao longo do tempo (CERTEAU, 1994, p. 35). As narrativas urbanas (sejam textuais, visuais ou gráficas) tornam-se essenciais para trazer ao nosso conhecimento essas camadas e tornar legíveis experiências que muitas vezes foram diminuídas pelas narrativas oficiais da modernização.

A produção de narrativas visuais, especialmente de histórias em quadrinhos, oferece uma ferramenta potente para traduzir práticas urbanas, dinâmicas cotidianas e memórias de um espaço como o Morro do Castelo (CARDOSO, 2014, p. 19). Autores como Scott McCloud(2008) e Will Eisner(2005) demonstram que a HQ não é apenas um recurso artístico, mas que possui uma linguagem visual própria, capaz de articular tempo, movimento e significado por meio de imagens sequenciais, enquadramentos e apelo tanto textual quanto visual (EISNER, 2010, p. 39).

Scott McCloud transpõe uma série de ensinamentos técnicos sobre a produção de histórias em quadrinhos ao longo de seus livros (McCLOUD, 2008, p. 10). Ainda que partindo de um ponto de vista mais prático em relação à criação de HQs, demonstra, através de seus ensinamentos, recursos poderosos. Um exemplo está na “sarjeta”, que é o espaço vazio” entre os quadros. Elas permitem justamente a articulação entre o que se mostra e o que se sugere em seus intervalos. Desta forma, o leitor participa ativamente da construção da narrativa ao sugerir através de seu imaginário o espaço deixado por elas. É nesta autonomia que reside o potencial crítico a ser desenvolvido pelo leitor (CARDOSO, 2014, p. 68).

PENSAR FORA DO EIXO

Will Eisner complementa tal ideia ao destacar que a narrativa gráfica organiza visualmente experiências humanas complexas, trabalhando com atmosferas, expressões sutis e espacialidades evocativas (EISNER, 2010, p. 7 apud CARDOSO, 2014, p. 112). Esta abordagem permite captar não apenas eventos cotidianos e inerentemente urbanos (como circulação, trabalho ou comércio) mas também fatores mais sensíveis como valores, ritmos e afetos que atravessavam o cotidiano do espaço estudado. A interpretação visual da vida urbana no Morro do Castelo por meio de HQs não se trata apenas de uma representação estética, mas uma operação crítica: dar visibilidade às camadas de memória que sobrevivem apesar das transformações urbanas, permitindo que práticas cotidianas apagadas ou marginalizadas encontrem um novo suporte (CARDOSO, 2014, p. 137).

Claudia Paixão, em sua Dissertação de Mestrado, nomeada “O Rio de Janeiro e o Morro do Castelo: populares, estratégias de vida e hierarquias sociais (1904-1922)”, após discorrer sobre a entrevista concedida por D. Florinda e S. Francisco, alega que o relato é repleto de saudosismo e um certo romantismo em relação ao local que um dia viveram e acrescenta que a memória é um fenômeno construído e influenciado por questões pessoais e políticas, conscientes ou inconscientes (PAIXÃO, 2008, p. 179).

Entendemos, portanto, que mesmo um desenho ou uma história com um nível de fantasia é capaz de incorporar a realidade em seu interior. Ao aproximar estas constatações à dissertação de Tânia Cardoso (CARDOSO, 2014), compreende-se que a Arte é a melhor expositora da cidade e das vidas dos seus habitantes (CARDOSO, 2014, p.29), e que as Histórias em Quadrinhos conseguem, através de sua linguagem, captar a essência da cidade espelhada na vida, gestos e ações dos seus habitantes (CARDOSO, 2014, p.79).

François Chaslin (CHASLIN, 1985), ao comparar a representação arquitetônica e a HQ, define-as como meios igualmente dinâmicos, inovadores e pulsantes, mas que contrastam em termos de popularidade, já que a HQ é um meio popular, de grande abrangência e capaz de representar “mudanças de climas ao longo de um determinado percurso, condições noturnas, movimento e emoção” (CHASLIN, 1985, p. 3-4). Enquanto isto, a representação arquitetônica visa sempre representar o espaço da forma mais “intocada” possível, com o mínimo de demonstração das intervenções humanas e sociais.

Álvarez Lloret (LLORET, 2010) também se aproxima desta questão ao passo que explica como, a priori, as representações da cidade se davam através de quadros, fotografias, mapas um tanto rudimentares e desenhos até o século XX, quando as representações passam a ter um caráter

PENSAR FORA DO EIXO

menos subjetivo, concebidas através de cadastrais, planos urbanísticos, além dos produtos possibilitados pelos meios digitais. Justamente por isto, a arte e outros meios de comunicação de massas devem resgatar reflexões sobre o meio urbano e suas interações perdidas nas atuais planimetrias.

O autor também afirma que o crescimento da indústria das HQs, a partir dos anos 70, tem mostrado como as cidades são elementos protagonistas em grande parte de sua produção, pois moldam os personagens e os dotam de novas facetas que são compreendidas através de suas relações com o entorno. As HQs são fenômenos de expressão urbana que se configuram como uma ferramenta não só de invenção arquitetônica como também de rememoração de formas passadas, além de reunir questões sociais inerentes ao discurso da arquitetura e da cidade e ser um instrumento artístico capaz de refletir crítica e experimentalmente sobre o fenômeno urbano.

Portanto, a narrativa visual não atua apenas como ferramenta ilustrativa, mas também como método de investigação. Ela permite reconstruir espaços não mais existentes, sugerir atmosferas históricas, evidenciar significados subjetivos e tornar legível o que muitas vezes não se encontra expresso nos documentos oficiais (PAIXÃO, 2008, p. 22; CARDOSO, 2014, p. 107, 167). O uso das HQs como linguagem não é um complemento gráfico, mas parte integral do processo de leitura e comunicação do patrimônio: uma forma de revelar camadas, conectar tempos e devolver ao público uma experiência sensível do Morro e de suas práticas cotidianas contribuindo para com a sociedade através da Educação Patrimonial (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, p. 7; CARDOSO, 2014, p. 115).

A Educação Patrimonial, tal como estruturada pelos estudos de Horta, Grunberg e Monteiro, parte da premissa de que o patrimônio não é apenas um conjunto de bens materiais, mas um processo interpretativo e participativo, no qual os sujeitos estabelecem vínculos, reconhecem valores e produzem sentidos. Deste modo, o papel da educação patrimonial envolve não apenas um processo educativo que utiliza o patrimônio como recurso para a compreensão de referências culturais e históricas, mas também o reconhecimento da identidade local e o sentimento de pertencimento e continuidade, além de promover a mediação entre instituições públicas e espaços de aprendizagem, privilegiando uma construção democrática do saber (IPHAN, 2014). Para esses autores, o patrimônio deve ser apresentado de modo sensível, contextualizado e conectado às experiências dos sujeitos, para que possa gerar identificação e compreensão crítica (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 2014). As histórias em quadrinhos se encaixam neste papel, com uma

PENSAR FORA DO EIXO

linguagem atraente e acessível, sendo capaz de transmitir, de forma lúdica: valores, significados e memória.

Assim, a educação patrimonial emerge aqui não como um complemento, mas como finalidade. Ela permite transformar o conhecimento histórico e as camadas de memória do Morro em experiências compreensíveis e sensíveis para o público contemporâneo. Ao combinar visualidade, narrativa e reflexão crítica, torna-se possível reconstituir o valor cultural do Morro do Castelo e reinscrevê-lo no imaginário urbano como parte viva da história social da cidade.

Abarcando a filosofia de De Certeau (CERTEAU, 1994), compreende-se a capacidade desta pesquisa de, com base na gama de documentos históricos citado e tendo como carro-chefe o relato oral concedido por antigos moradores do Morro do Castelo, mapear não somente as estruturas físicas do local, como também as coreografias invisíveis que lhe dão vida até hoje. Desta forma, a proposta de criação de HQs a partir dos relatos orais assume uma dimensão dupla: ao passo que atua como veículo de educação patrimonial, transmitindo interações entre história e memória de forma acessível e atraente pelas narrativas visuais, também materializa a lógica das “artes do fazer”, reconstruindo com imagens sequenciais, as intervenções cotidianas que transformaram um lugar demolido em um espaço vivo na memória coletiva da cidade.

4 CONSTRUÇÃO DA HQ SOBRE CIDADE

A pesquisa parte de uma abordagem qualitativa, de caráter histórico-documental e interpretativo, combinando diversas fontes e estratégias metodológicas. O objetivo é compreender o Morro do Castelo não apenas como um objeto de estudo histórico, mas como um lugar de memória: um espaço que, embora fisicamente apagado do mapa urbano desde 1922, ainda permanece presente na paisagem simbólica do Rio de Janeiro. O processo em questão se estrutura em alguns eixos fundamentais: a leitura espacial e morfológica do objeto; o levantamento e análise de documentos históricos e literários; o estudo técnico e conceitual das histórias em quadrinhos como ferramenta de educação patrimonial e a criação da HQ a partir do cruzamento dessas fontes. Todo esse percurso é atravessado pela reflexão e estudo críticos sobre as dinâmicas de produção e apagamento do espaço urbano.

Para que a HQ sobre o Morro do Castelo seja coerente com a história e com as memórias que se deseja resgatar, foi essencial aprofundar o estudo geográfico, formal e simbólico do espaço onde o morro se localizava. É claro que, sendo um território demolido há mais de um século, não é

PENSAR FORA DO EIXO

possível visitá-lo fisicamente em sua forma original, mas isso não impediu a aproximação. Essa leitura se deu de outras maneiras: por meio do tempo, dos vestígios e da visitação virtual. Foi realizada uma visita ao local atual, observando o que restou (ou foi sobreposto) no espaço que um dia abrigou o morro. Hoje, a Praça do Expedicionário, o Tribunal de Justiça e outros edifícios institucionais ocupam parte da área. Ainda assim, resistem fragmentos significativos, como a Santa Casa da Misericórdia, que mesmo modificada, permanece ativa, e a Ladeira da Misericórdia, uma das poucas estruturas materiais sobreviventes, conectada diretamente à antiga topografia do morro.

Figura 1: Destaque dos limites do Morro do Castelo sobre mapa da região atualmente.



Fonte: Imagem autoral, 2023.

Além da visita de campo, pôde-se contar com uma ferramenta indispensável: uma visita virtual ao Morro do Castelo promovida à equipe, utilizando óculos de realidade virtual e o modelo 3D desenvolvido pela pesquisa de Micronarrativas Urbanas anteriormente citada. Tal imersão permitiu uma aproximação sensível com o território, possibilitando a experimentação do espaço na escala do corpo: foram caminhadas virtuais por entradas diversas, passeios pela Praça do Castelo, a Igreja de São Sebastião, o Colégio Carlos Chagas, a antiga entrada da fortaleza e até a Chácara da Floresta, observando diferentes visadas e acessos. Essa experiência foi decisiva tanto para a compreensão do espaço quanto para imaginar, de forma mais precisa e crítica, os cenários que comporiam a HQ. Mais do que reconstituir a forma, esse processo ajudou a restaurar um sentido, e é a partir dele que esta pesquisa pretende construir uma narrativa que convoque memória urbana.

PENSAR FORA DO EIXO

A pesquisa se apoiou inicialmente no levantamento de documentos históricos sobre o Morro do Castelo, que serviriam de base para a composição da HQ. Quanto à produção da história em quadrinhos, a pesquisa se baseia em documentações primárias como fotografias, desenhos, pinturas e mapas antigos, onde há uma ampla documentação visual e cartográfica da área. Além disso, são consultados periódicos correspondentes ao período estudado através da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, compondo um panorama detalhado das transformações vividas pelo bairro.

Figura 2: Morro do Castelo visto do Morro de Santo Antônio.



Fonte: RIBEIRO, A., [s.d.].

Um dos pilares mais importantes da pesquisa, contudo, é a transcrição crítica de um relato oral presente no acervo do Museu da Imagem e do Som (MIS). O depoimento, gravado em 1985 para o projeto Arquivo Vivo (MIS / Projeto Arquivo Vivo / 674.1/2), reúne as memórias de Francisco de Laclos (nascido em 1910) e Florinda Alói (nascida em 1902), irmãos que viveram no Morro do Castelo até sua demolição. A entrevista (conduzida por Jaime Benchimol, com participação de Mário Aizen, Lilian Vaz e Oswaldo Rocha) apresenta uma rica narrativa da infância e juventude dos moradores no morro, revelando aspectos do cotidiano urbano que dificilmente seriam acessíveis por meio de documentos oficiais. Suas falas tratam das brincadeiras infantis, das missas e procissões na Igreja de São Sebastião, dos carnavais animados com duas escolas de samba rivais, das lavadeiras e alfaiates que se locomoviam pelas escadarias e vielas, entre tantas outras cenas de uma cidade que já não existe em seu estado material.

PENSAR FORA DO EIXO

A transcrição foi realizada presencialmente na unidade da Lapa do MIS e feita de forma crítica e sensível à oralidade dos entrevistados. Gírias, pausas, vícios de linguagem, interrupções e modos de fala foram mantidos para preservar a autenticidade dos relatos. Essa escolha metodológica se ancora na compreensão de que a fala carrega não apenas informação, mas identidade, memória e subjetividade. Ao respeitar a forma como as histórias foram contadas, busca-se também preservar o modo como foram vividas.

“(…) Francisco: O Morro do Castelo, era composto por uma só família. Em virtude da vizinhança serem(sic) todos amigos, todos se davam muito bem. Enfim, era uma família só. O ambiente era ótimo, não era o que hoje temos que num, num(sic) se pode sair na rua. Lá, nós saímos a qualquer hora da madrugada sem nenhum perigo. As próprias famílias cuidavam das outras crianças que não pertenciam a elas.” - Francisco de Laclos e Florinda Alói, 1985 (MIS / Projeto Arquivo Vivo / 674.1/2).

Dessa forma, torna-se essencial o estudo aprofundado da linguagem e da técnica de produção de histórias em quadrinhos, uma vez que esta é a ferramenta central da mediação proposta. Entre os principais referenciais teóricos e práticos utilizados, destaca-se o livro *Desenhando Quadrinhos*, de Scott McCloud, que é uma verdadeira escola da linguagem gráfica sequencial. A obra explora aspectos fundamentais como a construção de personagens, a organização narrativa (storytelling), a composição de cenários coerentes, a escolha de planos e ângulos e o uso expressivo dos balões de fala e pensamento: todos elementos essenciais para criar uma HQ que comunique de forma clara e sensível.

Paralelamente, por tratar-se de uma abordagem com base histórico-documental e interpretativa, a pesquisa incorpora também o *Pequeno Manual da Reportagem em Quadrinhos*, de Augusto Paim (Paim, 2023), referência importante na construção de narrativas visuais com viés jornalístico, documental e não-ficcional. A leitura crítica deste manual contribui para o entendimento da HQ como uma ferramenta narrativa comprometida com a verossimilhança histórica, onde o imaginário se articula não com a fantasia, mas com a reconstrução sensível e documentada da memória urbana.

Além dessas obras de base técnica, foram estudadas HQs autorais com forte cunho histórico ou cotidiano, como *Palestina*, de Joe Sacco (Sacco, 2005) e *Pablito Aguiar* (Aguiar, 2026). Esses títulos foram fundamentais para refletir sobre o potencial crítico das HQs na representação de territórios, experiências sociais e espaços urbanos, inspirando abordagens gráficas que articulem subjetividade, documentação e crítica urbana.

PENSAR FORA DO EIXO

A produção das HQs desenvolvidas no âmbito desta pesquisa segue um processo metodológico estruturado em etapas. A partir da transcrição do relato oral dos antigos moradores do Morro do Castelo, foram identificadas e nomeadas 18 micronarrativas urbanas, ou seja, fragmentos de memória, episódios cotidianos e experiências sensíveis localizáveis no espaço e no tempo que revelam aspectos da vida cotidiana local, trazendo pequenos fragmentos de vida refletida no espaço e que podem ser transformadas em informação gráfica e mapeável a partir da identificação de eventos, pessoas e lugares nelas contidos (VILAS BOAS, 2019, p. 34). Uma dessas micronarrativas foi selecionada para compor o enredo de uma HQ autoral.

Tabela 1. Micronarrativas selecionadas

Tramas
O Carnaval
A Revolta da Chibata
Minha mãe é isso
Um dos capangas de João Bonitinho
A Gripe Espanhola
Negros no Morro do Castelo
O Morro era uma família
O vagante da madrugada
Tagarela
O aluno faltoso
Janelas quebradas
Teu pai tá chegando
Enquanto brilhava a Exposição
Água lá da estalagem do Bastos
Canjiquinha quente que me dói os dentes
A praia pela madrugada
Brincadeira de criança
Republicana
A Ladeira dos Valentões

Fonte: Tabela autoral, 2026.

A micronarrativa selecionada foi “A Gripe Espanhola”, um relato sobre os impactos da avassaladora gripe espanhola sobre o Morro do Castelo e suas dinâmicas. Com a narrativa escolhida, elaborou-se um roteiro detalhado contendo a sinopse da história, a decupagem dos quadros por página, bem como a descrição minuciosa das cenas, por exemplo: “Em uma tarde qualquer, na Praça do Castelo, crianças brincam de roda e bola de gude, enquanto lavadeiras estendem lençóis brancos nos varais e vizinhos conversam sentados à porta de suas casas.” Nessa etapa também são indicados os textos e falas que aparecerão em cada painel, desta forma é possível ter noção de quanto tempo cada página irá representar. Aqui também foi decidido que a narrativa teria um narrador externo (que seria o próprio entrevistado rememorando sua infância).

PENSAR FORA DO EIXO

Em seguida, é produzido o “rafe”, ou esboço geral da HQ. Nessa fase inicial, são definidas composições de quadros, posicionamento dos personagens, ângulos de cena e localização dos balões de texto. O desenho do “rafe” é feito de maneira livre, sem acabamentos e detalhes gráficos, com o objetivo de servir como base visual para a produção final. Vale ressaltar que para a seleção dos cenários, foi necessário um estudo prévio dos atributos espaciais no Morro, este que foi feito durante a visita virtual à modelagem anteriormente citada e através de análise e localização de fotografias do local.

Figura 3: Página dupla presente no Rafe da HQ do Morro do Castelo.



Fonte: Imagem autoral, 2024.

Por fim, na etapa de ilustração definitiva, os elementos gráficos são construídos a partir do cruzamento direto com documentos históricos levantados na pesquisa. Os cenários, roupas, gestos, objetos e paisagens urbanas representadas têm como referência imagens de época, mapas, descrições literárias e relatos orais, de modo a garantir o máximo de precisão e coerência histórica. Trata-se, portanto, de uma reconstrução gráfica guiada pela memória e sustentada por documentação.

Os mapas permitem uma representação fiel da localização de cada elemento: construções, praças, entrada da fortaleza, Ladeira da Misericórdia etc. Já as fotografias revelam aspectos mais aproximados, como as roupas utilizadas na época, a presença de animais como gatos, cachorros e bodes pelos espaços livres do Morro, hábitos urbanos como varais improvisados para a secagem de roupas com as quais trabalhavam as lavadeiras, entre outros aspectos.

PENSAR FORA DO EIXO

Ainda assim, a tecnologia fotográfica da época não captava com precisão e definição elementos em movimento, ou seja: a grande maioria das fotos era tirada de forma programada e não espontânea. Deste modo, foi necessário recorrer a um terceiro documento: o relato oral. Através do relato dos moradores do Morro, foi possível identificar aspectos intrínsecos, subjetivos, culturais que não podiam ser capturados pelas máquinas fotográficas ou pelos mapas. Por isso o cruzamento destes tipos de documentação primária foi a estratégia utilizada para que a interpretação gráfica se desse da forma mais fidedigna possível: cada uma tem aspectos que complementam as outras, tornando possível entender onde fica o local mencionado na entrevista e como esta ideia se transformaria numa imagem.

Para a construção dos cenários das HQs, realiza-se um cruzamento crítico entre diferentes fontes históricas, com o objetivo de garantir rigor e sensibilidade na representação visual do Morro do Castelo. Tomando como exemplo a produção de um dos painéis, o processo se inicia com a análise de um mapa histórico do período selecionado, no qual são identificadas a localização e a quantidade de edificações visíveis a partir da perspectiva escolhida (tanto as fachadas principais quanto os volumes laterais). Essas informações são então comparadas com fotografias de época, que auxiliam na identificação dos edifícios e permitem observar elementos arquitetônicos e estéticos das construções, como proporções, materiais, ornamentos e disposições das janelas e portas.

As fotografias, além disso, revelam indícios importantes sobre as dinâmicas sociais e urbanas do local retratado: formas de ocupação do espaço, circulação de pessoas, gestos, usos cotidianos e até detalhes da indumentária dos habitantes. Esses aspectos são fundamentais para reconstituir o ambiente urbano e dar vida às cenas narradas.

Os relatos orais transcritos complementam a base documental, oferecendo detalhes afetivos e descritivos sobre o cotidiano e as práticas sociais no espaço urbano do morro, elementos que muitas vezes não aparecem nos registros oficiais. Um trecho do depoimento pode, por exemplo, indicar como era o clima na Praça do Castelo num fim de tarde de domingo ou descrever as interações entre moradores em dias de festa.

O modelo tridimensional do Morro do Castelo também é, por fim, uma ferramenta de desenho valiosa nessa etapa, pois permite simular visualmente ângulos e percursos urbanos que já não existem fisicamente, tampouco nas fotografias, e auxilia na produção do desenho a mão como base prototípica.

PENSAR FORA DO EIXO

Abaixo, propõe-se um exemplo visual que sintetiza esse processo:

Figura 4: Diagrama esquemático do processo de produção da HQ do Morro do Castelo.



Fonte: 1: Recorte do Mapa de 1920 do Morro do Castelo. 2. Augusto Malta, [s.d.]. | 3. Augusto Malta, 1921 | 4. Augusto Malta, 1921 | 5. Imagem autoral, 2024.

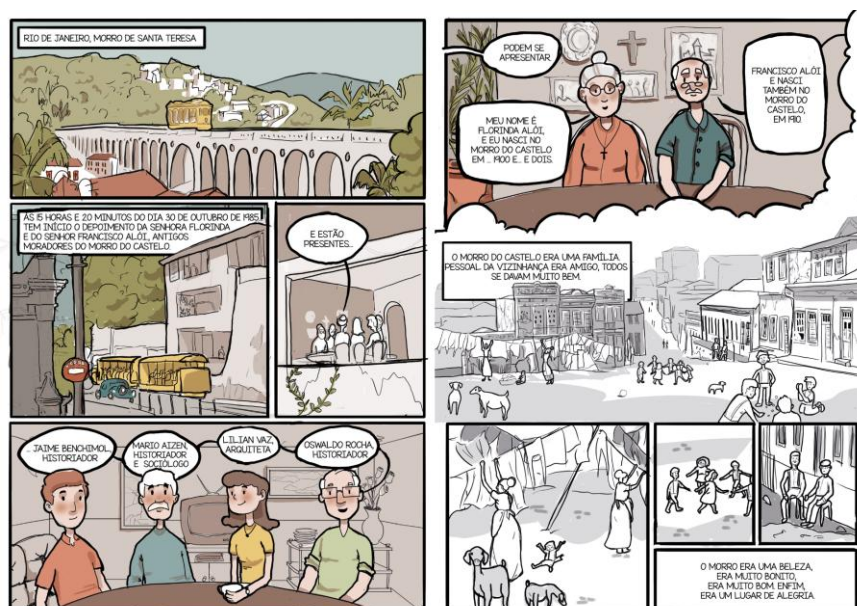
Foi tomada a decisão de iniciar a narrativa no momento da entrevista concedida ao Projeto Arquivo Vivo, visando ressaltar o caráter documental e histórico da HQ. Neste momento, as imagens são coloridas, fato que se altera quando a narrativa começa a seguir não mais o momento do relato, mas sim a memória relatada: a partir de então, as imagens são representadas em escalas de cinza.

PENSAR FORA DO EIXO

Este foi um recurso visual utilizado para demonstrar uma distinção clara entre os momentos representados. Dentro das memórias, os diálogos são postos como falas dos agentes da lembrança, porém também se utiliza um balão de expressão retangular, que representa as falas indiretas sobre a lembrança de Francisco de Lacos.

Mergulhando na memória, inicialmente busca-se dar um contexto geral sobre o Morro do Castelo e sua vivência no dia a dia. Posteriormente entramos na representação de como a gripe espanhola impactou o morro de forma geral para então iniciar o relato pessoal vivido por Francisco: quando pegou gripe espanhola e teve de ficar em repouso até descobrir uma solução simples, porém inusitada.

Figura 5: Página dupla referente à HQ do Morro do Castelo.

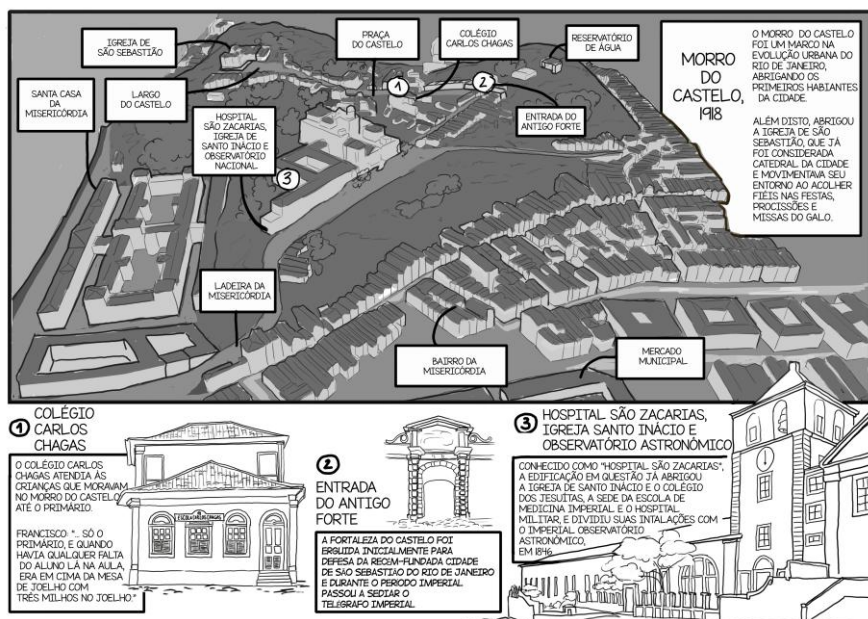


Fonte: Imagem autoral, 2024.

Para situar o leitor no espaço do Morro do Castelo, antes do início da narrativa gráfica, a HQ apresenta uma perspectiva voo de pássaro do antigo Morro, onde são ressaltadas algumas construções que aparecerão ao longo do percurso dos personagens na narrativa em questão. Estas construções são indicadas através de números (com os mesmos ícones com os quais serão identificadas ao longo da história) e possuem uma breve descrição para que o leitor esteja a par não somente de seu aspecto visual, mas também a relevância destes objetos arquitetônicos perante o local em questão.

Figura 6: Página dupla referente à HQ do Morro do Castelo.

PENSAR FORA DO EIXO



Fonte: Imagem autoral, 2024.

O cruzamento de informações documentais, portanto, não apenas garante maior fidelidade histórica à HQ, mas também possibilita uma reinterpretação sensível da memória urbana do Morro do Castelo. Ao unir mapas, imagens, narrativas e testemunhos, cria-se uma base sólida que sustenta visualmente a narrativa gráfica e reforça capaz de reconstituir e comunicar experiências de um território que, embora não mais visitável fisicamente, ainda vive no imaginário e na história da cidade.

5 CONCLUSÃO

Compreende-se, então, a importância do cotidiano na conformação da cidade ao longo do tempo: através dele, a população local cria hábitos urbanos relacionados às suas necessidades, expressões e gostos. Ao alimentar uma dinâmica própria no espaço, os indivíduos criam uma memória coletiva, compondo um senso de identidade e pertencimento através da forma como se relaciona com o ambiente ao seu redor. Como consequência do apagamento sociocultural decorrente de desapropriações e desmontes, a memória coletiva muitas vezes se torna uma das poucas heranças da história da cidade. Por esta razão, busca-se, através da educação patrimonial, reinscrever a presença de espaços históricos e suas dinâmicas urbanas na cidade, através da difusão do conhecimento histórico e no estímulo de um pensamento crítico perante a cidade.

PENSAR FORA DO EIXO

As Histórias em Quadrinhos em questão buscam, por meio de documentação primária, construir uma interpretação gráfica da vida cotidiana no antigo Morro do Castelo com a finalidade de cumprir com o objetivo anteriormente indicado. É importante ressaltar não somente o caráter primário da base documental, mas também sua variedade: fotografias, mapas, desenhos, relatos orais e periódicos da época estudada. Com estas fontes, é possível realizar um cruzamento de informações coerente com a realidade retratada. Por isto, esta abordagem metodológica se põe como uma ferramenta em potencial para a criação de narrativas gráficas patrimoniais.

Deste modo, ao passo que pode ser aplicada a diversas produções: há, portanto, como desdobramento futuro, planos para a seleção de outras micronarrativas urbanas dispostas na transcrição do relato oral concedido por Francisco de Laclos e Florinda Alói (MIS / Projeto Arquivo Vivo / 674.1/2) que irão compor um livro de Histórias em Quadrinhos patrimoniais sobre a vida dos irmãos no Morro do Castelo. Este será um trabalho desenvolvido no âmbito da pesquisa de Micronarrativas Urbanas para posterior publicação.

A proposta se sustenta em uma abordagem transdisciplinar, na qual a análise histórica urbana, a escuta sensível dos relatos e a representação visual se entrelaçam, compondo um modo construção do conhecimento sobre a cidade através da educação patrimonial. Mais do que reproduzir fielmente o passado, o projeto busca ativar a memória de um espaço que hoje é ausente no território, abrindo espaço para reflexões sobre as transformações da cidade no presente e suas possibilidades para o futuro. Como enfatiza Henri Lefebvre, toda produção do espaço é também uma produção de sentido, e é nessa relação que este trabalho se insere.

REFERÊNCIAS

ÁLVAREZ LLORET, Francisco. Arquitecturas y cómic-interconexiones y análisis gráficos. **Anais do XIII Congresso Internacional de Expresión Gráfica Arquitectónica**. Valencia: Universidad de Granada, Vol. 1, Tomo 1, p. 41-46, 2010.

ANDREATTA, V.; VILAS BOAS, N. Words, Drawings and Digital Representation: Visual Interpretations of the Narratives of Machado de Assis in Morro do Castelo. **Revista Produção e Desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Vol. 7, p. 1-20, 2021.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BARROS, Paulo Cezar de. **Do berço histórico à zona periférica do centro: velhas formas, novos castelos**. Mestrado - Instituto de Geociências, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2005.

PENSAR FORA DO EIXO

CARDOSO, Tânia Alexandra Esteves Fernandes. **Crônicas Urbanas: Representação e Crítica da Cidade nas Histórias em Quadrinhos**. Mestrado – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2014.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e boteco**: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CHASLIN, François. **Attention travaux! Architectures de bande dessinée**. Paris: Castermann, 1985.

EISNER, Will. **Narrativas gráficas: Princípios e práticas da lenda dos quadrinhos**. São Paulo: Devir Editora, 2005.

GORBERG, S.; FRIEDMAN, S. **Mercados no Rio de Janeiro: 1834-1962**. Rio de Janeiro: Imprinta Gráfica e Editora Ltda, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN, 1999.

IPHAN. **Educação patrimonial: histórico, conceitos e processos**. Brasília: IPHAN, 2014.

LACLOS, Francisco de; ALÓI, Florinda. **Projeto Arquivo Vivo: Depoimentos para a posteridade**. Entrevistadores: Rocha, Oswaldo Porto; Aizen, Mário; Benchimol, Jaime Larry; Vaz, Lilian. MIS, Rio de Janeiro, 30 outubro 1985.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Tradução Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão, 2006.

MCCLOUD, Scott, **Desenhando Quadrinhos: os segredos das narrativas de quadrinhos, mangás e graphic novels**. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda, 2008.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. "Morfologia das cidades brasileiras: introdução ao estudo histórico da iconografia urbana". **Revista USP**. São Paulo, n. 30, p. 144-155, jun./ago. 1996.

PAIXÃO, C. M. Q. **O Rio de Janeiro e o Morro do Castelo: Populares, Estratégias de Vida e Hierarquias Sociais (1904-1922)**. Mestrado - Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2008.

ROSSI, Aldo. **A Arquitetura da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VILAS BOAS, Naylor. The Dawn of Modernity in Rio de Janeiro: Historiographic Approaches to Digital Mapping the Everyday Life of a Changing City. **Digicult: Scientific Journal on Digital Cultures**. Rio de Janeiro, Vol. 4, N. 2, p. 29-42, 2019.